



Ensino de Sociologia em Sobral/CE: entre os desafios, o reconhecimento curricular e as práticas de ensino

Fabício de Sousa Sampaio¹

Resumo

O ensino de Sociologia, além de ser afetado por reconhecidos problemas educacionais brasileiros como um todo, possui determinadas peculiaridades, desafios e obstáculos que comprometem historicamente seus ideários de desnaturalização e estranhamento dos processos sociais os quais são necessários à compreensão e/ou (re) construção do mundo social existente. O objetivo central deste artigo é refletir sobre a Sociologia no ensino médio sobralense tomando como eixos de problematização o tipo de reconhecimento atribuído pelo(a)s docentes, estudantes e gestore(a)s educacionais em relação a esta disciplina, bem como as metodologias/técnicas/práticas pedagógicas engendradas e os desafios enfrentados por escolas estaduais da cidade de Sobral/CE. As considerações parciais desta investigação são efeitos de questionários abertos e entrevistas “online” com professore(a)s de Sociologia em exercício. Dentre os resultados iniciais, podemos inferir que a Sociologia continua desvalorizada socialmente enquanto campo disciplinar por seu caráter desestabilizador das “verdades” que atuam para normatizar os seres sociais.

Palavras-chave: Sociologia. Ensino. Sobral. Práticas de ensino.

Teaching Sociology in Sobral/CE: between challenges, curricular recognition and teaching practices.

Abstract

Sociology teaching, in addition to being affected by recognized Brazilian educational problems as a whole, has certain peculiarities, challenges and obstacles that historically compromise its ideologies of denaturalization and estrangement from the social processes necessary for the understanding and / or (re) construction of the social world existing. The main objective of this article is to reflect on Sociology in Sobral middle school taking as axes of problematization the

¹ Doutor em Ciências Sociais – UFRN/CCHLA/PGCS. Técnico pedagógico da SEDUC/CE – Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará – vinculado à Coordenadoria de Desenvolvimento da Aprendizagem/CODEA/Diversidade. E-mail: farcosousa@yahoo.com.br.

type of recognition attributed by the teachers, students and educational managers in relation to this discipline, as well as the methodologies / techniques / pedagogical practices engendered and the challenges faced by state schools in the city of Sobral / CE. The partial considerations of this investigation are the effects of open questionnaires and online interviews with teachers of Sociology in practice. Among the initial results, we can infer that Sociology remains socially devalued as a disciplinary field because of its destabilizing character of the "truths" that act to normalize social beings.

Keywords: Sociology. Teaching. Sobral. Teaching practices.

Introdução

A Sociologia pode ser considerada um canal disciplinar legítimo para que as discussões das Ciências Sociais possam adentrar na formação básica do(a)s estudantes. Entretanto, a sua presença frágil e contestada no currículo escolar contribui para deslegitimá-la no cotidiano educacional brasileiro.

A intermitência curricular deste componente não pode ser analisada fora das interconexões com os problemas estruturais da educação básica, os projetos político-formativos da sociedade capitalista e com as particularidades ou os desafios que a Sociologia enfrenta há algum tempo para se consolidar enquanto disciplina escolar. Assim, os problemas macrossociais da educação brasileira – tais como as precárias instalações físicas das escolas públicas, a desvalorização social docente e as péssimas condições de trabalho do magistério – se entrecruzam com os problemas microssociais da disciplina, como: a falta de profissionais formados na área em efetivo exercício; a dificuldade docente na transposição didática; e o desprestígio ou a irrelevância da Sociologia na formação básica do alunado.

Se o currículo escolar é um território contestado (SILVA, 2004) atravessado por processos diferenciais de distribuição dos saberes/conhecimentos/disciplinas, é crucial alavancar questionamentos sobre as razões e os interesses políticos que se entrecruzam na inferiorização, desprestígio ou na histórica investida para exclusão da disciplina Sociologia no currículo da educação básica. Além disso, é imperioso problematizarmos: o status de reconhecimento deste componente nas escolas brasileiras; os desafios que particularizam o ensino da Sociologia na educação básica; e as peculiaridades das práticas deste ensino que vem se efetivando na atualidade. Diante das problematizações anteriores, este artigo objetivou contestar o reconhecimento curricular da Sociologia, as práticas pedagógicas engendradas na

atualidade e os desafios de efetivação desta disciplina nas escolas estaduais sobralenses. Para tanto, no período de cinco meses, dez professore(a)s de oito escolas estaduais diferentes participaram de questionários e entrevistas abertas “online” via *whatsapp*². O escopo destas interações foi construir diálogos acerca do ensino de Sociologia na cidade de Sobral/CE: as dificuldades, os desafios e a importância educacional conferida a esta disciplina; assim como a metodologia, as técnicas de ensino, a formação acadêmica, as políticas escolares e outros aspectos relacionados ao ensino deste componente curricular.

O(a)s colaboradore(a)s desta pesquisa integravam a minha rede de contatos no Facebook e a grande maioria já tinham sido meus/minhas colegas de trabalho na rede estadual sobralense. Inicialmente, o(a)s docentes respondiam os questionários que eram analisados para identificar temáticas ou questões que seriam retomadas nos encontros de entrevista “online”. Para manter o anonimato, o(a)s professore(a)s foram identificado(a)s por nomes fictícios escolhidos aleatoriamente.

Na primeira seção, o artigo problematiza as práticas sociais de reconhecimento social deste ensino na cidade de Sobral/CE em relação às ofensivas neoliberais recentes contra a precarização do ensino de Sociologia. Os desafios e as particularidades pedagógicas do(a)s docentes sobralenses constituem, respectivamente, os objetivos do segundo e do terceiro momento da pesquisa realizada.

1- Sociologia na escola média: a busca por reconhecimento

Historicamente, na educação básica, a presença curricular das disciplinas Sociologia e Filosofia é marcada por luta, descontinuidade, recusa, exclusão e invisibilidade. A Sociologia enquanto saber sistematizado ocorre inicialmente no ensino secundário e depois se afirma no ensino superior (MEUCCI, 2013). Entretanto, a hierarquização entre estes dois níveis de ensino é intensificada pela condição precária da educação básica e a desvalorização do professor básico, levando a reflexão sociológica ao seu insulamento no nível acadêmico (RIBEIRO; ALVES; SAUL; PEREIRA, 2009, p.50). Esta hierarquia também conduz ao preconceito em relação à Sociologia como ‘disciplina’ escolar acarretando o seu posicionamento subalterno em relação à Sociologia enquanto ‘ciência’ (MORAES, 2007). Em outros termos, a Sociologia na escola é deslegitimada enquanto reflexão científica e os seus/suas professore(a)s talvez

² Aplicativo de envio instantâneo de mensagens de textos, áudios, vídeos e arquivos.

considerado(a)s mero(a)s reprodutore(a)s das teorias sociológicas constituídas nas universidades. A crescente proletarização, desvalorização e culpabilização do(a) professor(a) da educação básica nos tempos do neoliberalismo, legitima e aprofunda essa hierarquização.

A falta de um diálogo efetivo entre a universidade e a escola – presumido como necessário para a consolidação da Sociologia enquanto disciplina escolar em termos de reconhecimento e construção metodológica – também corrobora para essa hierarquia e produz o binarismo entre docência universitária-pesquisa x docência básica-ensino reprodutivo. Em contrapartida, a conexão entre a universidade e a escola contribui para a melhoria do ensino, porque a universidade, como lócus privilegiado do saber científico e da produção de metodologias, pode suprir a carência de recursos para o(a)s profissionais que atuam no ensino da Sociologia na educação básica (SOUZA, MARINHO, GAUDÊNCIO, 2015, p.74).

Um dos elementos que ratifica esta ausência de diálogo é o distanciamento entre cientistas sociais e a educação básica (MORAES, 2007) ou a negligência destes pesquisadore(a)s em relação ao ensino da Sociologia como objeto de estudo (SOUZA, MARINHO, GAUDÊNCIO, 2015).

Amurabi Oliveira (2015) enfatiza o recente incremento na produção do(a)s cientistas sociais em relação à temática educacional. Esta ampliação se deve às políticas educacionais voltadas para formação de professore(a)s tais como o PIBID – Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – e a outros fenômenos como, por exemplo, a expansão das licenciaturas e pós-graduações em Ciências Sociais. O autor considera que esse interesse produtivo – acompanhado pela diversificação de temáticas e o desinteresse por outras – precisa ser atravessado pelo “pensar sociologicamente o ensino de Sociologia” mantendo uma reflexão sobre a prática pedagógica do(a)s professore(a)s da educação básica (OLIVEIRA, 2015, p.9).

A desconfiança e o preconceito direcionado à Sociologia na escola necessita de uma reflexão crítica em relação ao tipo de reconhecimento que essa disciplina possui no interior das práticas curriculares, principalmente após a sua reintrodução em 2008 por intermédio da lei 11.684. Vale ressaltar que a inclusão/exclusão das disciplinas curriculares são operações de poder: são efeitos de políticas sociais e educacionais pautadas em projetos formativos de identidade, subjetividade e de sociedade específicos. Não apenas o prestígio, a legitimidade, a desvalorização e a subalternização como também a presença/exclusão de qualquer disciplina no currículo está inter-relacionado com essas políticas e projetos. A Sociologia não está isenta desta realidade, pois sua institucionalização, como de qualquer disciplina escolar, vincula-se à

capacidade de determinados atores sociais de influenciar as reformas e os decretos educacionais que discutem propostas de introdução das disciplinas no currículo oficial (CIGALES, 2014, p.52).

A trajetória instável da Sociologia no currículo básico atualiza as pesquisas sobre a institucionalização desta disciplina que se vinculam à busca de legitimidade deste componente na educação escolar (OLIVEIRA, 2015). Se por um momento, poderíamos ressaltar, em contextos históricos recentes, que o maior desafio da Sociologia fosse o reconhecimento perante o(a)s estudantes e o(a)s demais professore(a)s do ensino básico sobre a importância da disciplina (SOUZA, MARINHO, GAUDÊNCIO, 2015, p.76), a discussão atual sobre a reforma do ensino médio brasileiro e o conseqüente risco de exclusão curricular, ratifica a intermitência curricular como o maior desafio que o ensino de Sociologia no Brasil ainda não conseguiu minimizar. Além disso, a ausência de modelos pedagógicos, a falta de professores e material didático, a carência de um aparelho estatal que viabilizasse sua implantação e a falta de legitimidade caracterizam a trajetória da Sociologia no Brasil ou o seu processo de institucionalização (CIGALES; ARRUDA, 2013).

Amurabi Oliveira (2011) sintetiza em três grupos os inúmeros desafios que esse processo está imbricado. O primeiro se refere ao “desafio da identidade”: a intermitência curricular e a tradição bacharelesca de produção do conhecimento científico dificulta a identificação dos cursos de Ciências Sociais com a formação de professore(a)s (OLIVEIRA, 2011, p. 35). A legitimidade é o segundo desafio. Para o autor, a pertinência da Sociologia na escola também se relaciona à sua legitimidade enquanto ciência na sociedade como um todo. E o terceiro grupo – “desafio epistemológico” – se vincula principalmente à questão da tradução didática: como transformar os dizeres sociológicos em “algo palatável pelos alunos do ensino médio” (Ibid., p. 36).

De maneira geral, a política curricular neoliberal e antidemocrática desconfia da Sociologia como também das Ciências Humanas. Talvez porque estas ciências produzem o risco de fomentar o pensamento crítico e reflexivo do alunado. A Sociologia, em especial, permite explicar o mundo de forma diferente através do confronto entre a realidade social, as teorias e as categorias sociológicas (OLIVEIRA, 2011, p. 33). Esta disciplina facilita a desnaturalização dos fenômenos sociais e a desconstrução das explicações e opiniões (MEUCCI, 2013) que asseguram os processos de dominação social engendrados por determinados atores sociais.

Se esta política neoliberal, preocupada com a educação bancária e acrítica, cujo sucesso da instrução é medido pelos testes de larga escala – que objetivam disciplinar e justificar, através de seus resultados, as mudanças, os sucessos e os fracassos de determinadas configurações do ensino em todos os níveis –, torna-se crucial problematizar qual a importância das disciplinas de Sociologia e de Filosofia no currículo escolar neoliberal. Qual o sentido de manter disciplinas que produzam um conhecimento crítico da realidade social dentro de políticas sociais e educacionais reprodutivistas do *status quo*? É neste íterim que, se ainda a Sociologia não foi excluída novamente do currículo escolar, este artigo problematiza como os atores sociais vinculados à educação escolar cearense a reconhecem? Determinadas constatações da realidade escolar cearense permitem elucidar o questionamento realizado anteriormente: a ínfima carga horária, a despreocupação com a realização de concursos públicos para profissionais formados na área³, a constante desestruturação das formações docentes e a lotação de professore(a)s não graduados em Sociologia/Ciências Sociais no ensino médio. Estas assertivas sobre o ensino de Sociologia também foram ratificadas pelo(a)s entrevistado(a)s e serão discutidas na próxima seção do artigo.

Sinteticamente, a Sociologia – na percepção do(a)s colaboradore(a)s – possibilita o questionamento da realidade social, a compreensão crítica e um repensar sobre o futuro da sociedade brasileira frente às desigualdades e às injustiças sociais que imperam cotidianamente: “considero uma das disciplinas mais importantes, por oportunizar a todos o direito de se expressar, questionar e exigir melhorias” (Aline)⁴.

A Sociologia traz um leque de discussões, teorias e saberes que, aos poucos, vai despertando o educando para a compreensão da sociedade na qual ele vive. A importância da disciplina no ensino médio, a meu ver, se dá exatamente por esse fator: chegar à universidade não de uma maneira alienada, mas sim de forma clara e atuante, consciente do papel que deve ser desempenhado na sociedade. Tarefa difícil, mas não impossível, mediante a realidade da escola pública (Fabiana).

Acredito que precisamos de indivíduos que não sejam apenas críticos, mas sim protagonistas dentro do seu contexto social, que estes possam se posicionar não de forma ‘mecânica’, mas sim como transformadores, pessoas que sejam capazes de refletir sobre as inúmeras mudanças pelas quais a nossa sociedade está passando (Bianca).

O consenso entre o(a)s colaboradore(a)s desta pesquisa e talvez entre o(a)s investigadore(a)s sociais sobre a temática de que “a Sociologia se apresenta como uma

³ No último concurso para professor efetivo estadual em 2013 foram disponibilizadas 15 vagas para Sociologia e 23 para Filosofia do total de 3.000 vagas.

⁴ O nome fictício do(a)s colaboradore (a)s da pesquisa serão grafados com a inicial maiúscula e as outras letras minúsculas para se diferenciar da grafia exigida dos teóricos pela ABNT.

disciplina que leva o aluno a questionar e compreender melhor a sociedade em que vive e qual o seu lugar nela” (Elane), não dificulta as ofensivas políticas contra esta disciplina no currículo básico.

Na maioria das escolas pesquisadas, a Sociologia foi considerada como “algo secundário” (Danilo) ou “tapa buracos” (Lidiane). O(a)s colaboradore(a)s destacaram que, em suas escolas, embora o(a)s profissionais da educação reconhecessem a importância da Sociologia na função de “instiga[r] os jovens a pensarem, cobrarem e questionarem o motivo de diversas situações tanto no âmbito educacional quanto social” (Aline),

Ainda existem professores que discordam com o velho discurso de que: ‘os alunos mal leem e escrevem, ou sabem interpretar um texto da língua portuguesa, como vão compreender um texto da sociologia?’

Quanto à política educacional, dentro do problemático contexto que o Brasil está atravessando hoje, o atual governo cogita retirar a disciplina da grade formal e obrigatória do ensino médio. Ou seja, o Estado não deve formar cidadãos críticos e participativos (Fabiana).

A conscientização sobre a importância da Sociologia como formadora de sujeitos críticos e pensantes torna-se imperativo na maioria dos relatos. Eles ressaltaram a existência, no magistério sobralense, de professore(a)s ideologizado(a)s com a premissa da instrução proletária – ensinar a ler, escrever e contar – que vincula as Ciências Humanas ao adjetivo de “conteudistas” (Luís) e sem utilidade aos projetos formativos capitalistas da maioria da população brasileira.

Não só a Sociologia, como também as Ciências Humanas, ainda são vistas como as disciplinas “tapas buracos” do currículo escolar. É perigoso dar maiores condições para formar cidadãos questionadores e conhecedores da situação política, social e econômica do país que vivem. São resquícios arraigados dos períodos ditatoriais. A ideia da “ordem e progresso” ainda impera no pensamento da nação brasileira (Lidiane)

As ofensivas contra a Sociologia⁵ estão relacionadas a sua potencialidade formativa e são justificadas, atualmente, por discursos neoconservadores de “inchaço” curricular ou pela grande quantidade de disciplinas que constituem o currículo escolar. Politicamente, a Sociologia objetiva instrumentalizar o(a)s estudantes a se posicionarem diante dos fenômenos sociais de maneira crítica e sistêmica. Ela busca “garantir o desenvolvimento de uma postura intelectual diante da vida social e das práticas sociais em que estão inseridos” (SILVA, 2009, p.73-4). Em resumo, a potência educacional da Sociologia no ensino médio se refere ao

⁵ Até o fechamento desse artigo, o atual governo brasileiro objetivava implantar uma reforma do ensino médio para o ano de 2017 onde retira a obrigatoriedade da Sociologia e da Filosofia, além de Artes e Educação Física.

desenvolvimento da progressiva autonomia intelectual do(a)s estudantes na compreensão dos problemas sociais que interseccionam os seus cotidianos.

O “inchaço” do currículo escolar defendido pelos discursos neoliberais parece não constituir em um problema educacional, porque as disciplinas atuais obrigatórias são efeitos de lutas e reivindicações sociais pautadas em necessidades socioculturais legítimas. Ao contrário, é a organização disciplinar fragmentária, positivista, cientificista, separatista e hierarquizada que talvez corrobore para a não-aprendizagem e o desinteresse do/as estudantes. Como é possível aprender e se interessar por um processo educativo atravessado por disciplinas fragmentadas e isoladas ministradas de maneira superficial e aligeirada durante o dia letivo?

Esta organização curricular fragmentada é representativa da intenção bancária do currículo básico neoliberal. O(a)s estudantes precisam apreender inúmeros saberes ou informações e ter a habilidade de, a cada hora/aula, se defrontar com um saber diferenciado na sala de aula. O desinteresse do alunado talvez seja um dos efeitos do rápido “entra e sai” de professore(a)s durante o cotidiano escolar. Na maioria das escolas estaduais cearenses, a cada hora/aula, um(a) professor(a) de uma disciplina escolar diferente adentra na mesma turma constituída, em média, por quarenta a cinquenta aluno(a)s de acordo com os relatos.

A centralidade do Enem – como principal teste enciclopédico de ingresso nas universidades públicas e de acesso aos financiamentos do governo federal no ensino superior privado – promoveu um reconhecimento diferenciado às disciplinas de Sociologia e de Filosofia: “ganhou um pouco mais de espaço com advento do Enem” (Danilo). Atualmente, elas se transformaram em disciplinas auxiliares na construção de bons resultados na prova de redação. Alguns/algumas professore(a)s destacaram as questões do Enem como dispositivos de visibilidade da disciplina. Outro(a)s entrevistado(a)s questionaram este teste por não possuir uma determinada alusão às teorias sociológicas e também pelo reconhecimento instrumental que conferiu à Sociologia:

Outro fator determinante seria a disciplina nos vestibulares e Enem. Enem até já aparece. Mas falta melhorar muito. As questões de sociologia no Enem são muito vagas. Não precisa ter conhecimento teórico para responder. Acho que as questões de sociologia do Enem precisam ser melhor elaboradas (Elane).

Este reconhecimento instrumental da Sociologia está vinculado à política escolar cearense adotada nos últimos anos de alçar bons resultados no Enem. Todas as disciplinas de alguma maneira são direcionadas para alcançar estes resultados. Metodologicamente, as questões e as apostilas referentes ao Enem constituem os principais recursos didáticos utilizados por todo(a)s o(s) entrevistado(a)s, principalmente nos meses que antecedem a realização do

exame. Se não há uma afinidade teórica consistente das questões do Enem vinculadas à Sociologia, de acordo com a professora Elane, é a discussão de “temas da atualidade” que produzem uma unidade epistemológica fundamental no ensino de Sociologia em Sobral, com vistas à prova de redação (Fabiana, Danilo, Luís, Bianca). Muito(a)s professore(a)s não questionaram estes exames enciclopédicos tais como os vestibulares e o Enem. Ao contrário, os consideraram exímios instrumentos de medição da aprendizagem atual.

Para a maioria do(a)s colaboradore(a)s, a valorização da Sociologia e o seu gradativo reconhecimento curricular poderia ser efetivado se aumentasse o número de questões nos vestibulares e no Enem, porque, em grande medida, a desvalorização deste componente se deve ao fato de “não ter peso nos vestibulares e Enem” (Elane). A

semivalorização da Sociologia nas escolas sobralenses não é acompanhada por um enfrentamento das dificuldades e/ou desafios de efetivação deste ensino pelas atuais políticas educacionais. Em contrapartida, o(a)s colaboradore(a)s enfatizaram a utilização do discurso meritocrático pelo(a)s gestore(a)s escolares para justificar a negligência do Estado no provimento de melhores condições de trabalho docente.

2 - Desafios no ensino da sociologia em Sobral/CE

A intermitência curricular, o reconhecimento social e político, a formação docente, a transposição didática e a efetivação do ensino de Sociologia com professore(a)s graduado(a)s na área constituem os principais desafios macrossociais desta disciplina escolar no Brasil. Estes desafios podem se entrecruzar com outros referentes aos sistemas de ensino localizados. Em Sobral, por exemplo, o(a)s professore(a)s identificaram como desafios fundamentais: a mínima carga horária; a desvalorização escolar; o material didático inadequado; o desinteresse e a variável receptividade do(a)s estudantes em relação às aulas sociológicas.

A reduzida carga horária – uma aula em cada turma do ensino médio – corrobora para a desvalorização social e escolar da Sociologia como também para a indiferença do alunado e do(a)s profissionais da educação de forma geral. Esta carga horária parece dificultar os processos de ensino-aprendizagem pautados em discussões que possibilitem a participação de todo(a)s o(a)s estudantes de cada sala de aula. Além disso, estes vetores – carga horária e desvalorização – estão inter-relacionados com a frágil presença curricular que também impede,

de certa maneira, a construção de uma tradição didático-pedagógica no ensino de Sociologia escolar. Na percepção do(a)s colaboradore(a)s, a instabilidade curricular:

Também esta questão do “tira não tira” a Sociologia do currículo acaba, de certa forma, banalizando a disciplina, pois mesmo considerando que esta é uma disciplina importante para a sua formação humana, os alunos nos questionam sobre este descaso. Eu vejo isso como um desafio para nós professores da área, em desenvolvermos metodologias criativas e dinâmicas, a fim de trabalharmos os conceitos sociológicos levando em consideração principalmente o contexto destes alunos (Bianca).

A intermitência curricular – talvez o maior desafio do ensino de Sociologia na educação básica – vulnerabiliza o(a)s professore(a)s deste componente escolar, minimiza a demanda por formação e, conseqüentemente, por realização de concursos e seleções públicas (LENNERT, 2011). Um dos maiores efeitos desta instabilidade é a falta de reconhecimento da disciplina e do(a)s professore(a) ou o descaso generalizado, semelhante às considerações da professora Bianca.

Esta carga horária obriga a maioria do(a)s professore(a)s cearenses lotado(a)s em Sociologia – ou em qualquer disciplina que possua apenas uma hora aula em cada turma por semana – a completarem sua jornada de trabalho com outras disciplinas ou em outras escolas⁶. Além disso, esse tempo curricular da Sociologia corrobora para o excessivo número de turmas que o(a) docente efetivo(a) desta disciplina precisa possuir. O excesso de turmas e de aulas foi identificado como uma das maiores queixas do(a) professor(a) brasileiro, pois oblitera o planejamento docente e dificulta as práticas pedagógicas, bem como a efetivação da formação continuada (BODART; SILVA, 2016).

Se o(a) docente leciona em duas ou mais escolas para completar a jornada de trabalho e/ou para complementar os seus rendimentos – haja vista os baixos salários da docência brasileira –, outros fatores podem se entrecruzar nesta situação para minimizar o seu desempenho pedagógico: a “diferença entre a cultura organizacional da escola, a perda de tempo em deslocamento e o maior número de planos de aula diversificados de acordo com realidades diferentes dos educandos” (BODART; SILVA, 2016, p.186). Com relação a disciplina de Sociologia, a redução da jornada de trabalho, torna-se crucial “pela carência de indicações de conteúdos mínimos, material pedagógico e métodos de ensino consolidados” (Ibid., p. 182).

⁶ O(a)s docentes lotado(a)s em Sociologia na jornada de trabalho quarenta horas semanais nem sempre completam as vinte e sete horas aulas – exigidas pela lei do magistério nacional – por causa da reduzida carga horária em cada turma. Geralmente, de acordo com os relatos, ele(a)s são lotado(a)s em outras disciplinas e outras escolas. Além disso, por conta desse tempo pedagógico da Sociologia, em muitas escolas cearenses, ela serve para completar a jornada de trabalho de diferentes professore(a)s.

O tempo pedagógico da Sociologia também pode se complicar no ensino noturno: “o desafio é ministrar a disciplina em apenas uma hora aula. Sem falar que a noite a hora aula tem uma duração menor em relação ao dia” (Carla). Em acréscimo, outros aspectos do ensino noturno devem ser levados em consideração quando se analisa o ensino médio numa perspectiva sistêmica. Determinados fatores como trabalho, cansaço, geração/faixa etária, redes de sociabilidade diferenciadas e perspectivas/intencionalidades com relação à escolarização do(a)s estudantes, não podem ser excluídos da tentativa de compreender os desafios da Sociologia e do ensino médio, de maneira geral, quando as aulas ocorrem a noite.

Moraes (2009) concorda com a dificuldade de operacionalizar o ensino de Sociologia com uma aula por semana durante o ano letivo. Entretanto, na sua interpretação, a discussão da quantidade de horas é subsequente à definição prioritária dos objetivos desta disciplina na educação básica que, na sua percepção, é fomentar a imaginação sociológica. Para este autor, este ensino não pode ter um “caráter enciclopédico ou um curso exaustivo de temas, teorias e conceitos” (Ibid., p.25). Assim, o aumento da carga horária sem o enfoque no modo de pensar sociológico sobre a realidade social poderia acarretar talvez mais desinteresse no(a)s estudantes.

O(a)s aluno(a)s percebem a Sociologia como exclusivamente teórica, conforme o(a)s colaboradore(a)s. Esta assertiva se intersecciona com dois grandes desafios da consolidação desta disciplina na educação básica. O primeiro é a formação docente, bem como a necessária vinculação entre a formação teórica e a pedagógica (HANDFAS, 2009), e a superação entre bacharelado e licenciatura. O segundo desafio se relaciona à atuação de professore(a)s desprovido(a)s dessa vinculação ou não graduado(a)s em Sociologia e/ou Ciências Sociais.

Um dos pontos que identifico na escola é a questão do ensino de Sociologia ser ministrado por docentes não qualificados na área. Quando converso com os alunos percebo que colocam a sociologia como algo muito teórico e distante de sua realidade (Bianca).

Outro desafio apontado pelo(a)s entrevistado(a)s foi a diferenciação entre a Sociologia e a Filosofia. Esta dificuldade é regularmente identificada pelo(a)s estudantes, principalmente pela “falta de profissionais de Sociologia ministrando a disciplina” (Elane). Este desafio se entrecruza com a situação de relativa novidade destas disciplinas para o(a)s estudantes ingressantes no ensino médio. A maioria do alunado apenas tem contato com as leituras, as interpretações e os pressupostos epistemológicos da Sociologia e da Filosofia durante as primeiras aulas na série inicial deste nível de ensino: “há resistência principalmente pelos alunos do 1º ano, pois são oriundos da escola municipal a qual no currículo as ciências humanas

constam apenas como mero apêndice” (Lidiane). Esta novidade contribui para o desinteresse do(a)s estudantes por estas disciplinas: “eles estão chegando muito jovens no ensino médio, e ao se deparar com uma linguagem sociológica quase que completamente desconhecida, sentem dificuldades de compreensão” (Fabiana); “[...] mas nem sempre o educando consegue se sentir motivado pelas aulas já que o mesmo não teve no decorrer do Ensino Fundamental familiaridade com a disciplina” (Lidiane).

A novidade destas disciplinas no ensino médio e a prática pedagógica de determinado(a)s professore(a)s – despreocupado(a)s com a transposição didática dos saberes e conhecimentos sociológicos – foram apontados como os principais fatores que produzem o desinteresse e a variante receptividade da Sociologia no ensino público sobralense.

Em relação à receptividade, a maioria das turmas aceitam e até acham ‘legal’ a disciplina. Depende muito da forma como os conteúdos disciplinares são abordados. Sempre começamos as aulas com um trabalho de conscientização da importância da disciplina, isso faz com que os alunos, ao menos, respeitem a disciplina e o professor (Fabiana).

O(a)s colaboradore(a)s enfatizaram que a todo momento são interpelado(a)s por estudantes, colegas de trabalho, gestore(a)s e pela comunidade escolar sobre a utilidade da Sociologia na formação social e cidadã⁷. Estas interpelações são executadas com frequência pelo(a)s ingressantes no ensino médio e decisivas no interesse e na receptividade desta disciplina. Em contrapartida, para Danilo, Neto e Elane, o desinteresse pela Sociologia é coextensivo a todas as outras disciplinas do currículo escolar. A diferença, muitas vezes, “está nos profissionais que minimizam a importância da mesma, gerando uma desvalorização entre os estudantes” (Elane).

O penúltimo desafio identificado pelo(a)s docentes foi o “inadequado livro didático” (Neto) em relação às demandas contemporâneas e localizadas do(a)s estudantes (Neto, Lidiane, Luís, Elane e Carla). Entretanto, ele(a)s destacaram a importância deste livro na produção do reconhecimento da disciplina: “o livro didático e o peso nas redações do Enem deram ‘utilidade’ à disciplina de Sociologia” (Júlia).

⁷A formação para a cidadania como um dos objetivos do ensino, presente na LDB/96, é problematizada por Meucci (2013). Nos termos desta autora, devemos questionar o significado deste conceito. Como valor e fenômeno social, cidadania precisa ser discutida como uma das lições da Sociologia, pois a “noção de cidadania é tão prescritiva como a noção de civismo dos anos de 1930” (MEUCCI, 2013, p. 89).

A disponibilidade recente do livro didático de Sociologia⁸ representou determinado reconhecimento das políticas educacionais em relação à disciplina. Mas, de acordo com o(a) entrevistado(a)s, este livro ainda não é de qualidade, pois não é “capaz de abarcar tanto o conteúdo quanto fazer uma reflexão sobre a vida do estudante” (Luís) e “os alunos não se sentem motivados a estudar porque não se identificam com o que está sendo trabalhado” (Neto).

O livro didático de Sociologia – como também o de Filosofia no ensino médio cearense – representou uma mudança significativa nas práticas educativas. O livro se transformou numa espécie de manual de ensino para o(a)s professore(a)s formado(a)s, ou não, na respectiva graduação. Para o(a)s colaboradore(a)s, esta situação educacional se vinculava à excessiva carga horária de trabalho, ratificando as conclusões da pesquisa sobre o perfil do professor de Sociologia brasileiro dos autores Bodart e Silva (2016).

Nas escolas estaduais regulares do Ceará, por exemplo, o(a)s professore(a)s de Sociologia e Filosofia que trabalham no regime de quarenta horas semanais, lecionam vinte e sete horas/aulas em vinte e sete turmas diferentes. Ele(a)s possuem apenas treze horas/aulas para pesquisar, estudar e/ou planejar estas vinte e sete horas/aulas. A professora Júlia lançou o seguinte questionamento durante as entrevistas: “como vou planejar vinte e sete aulas na semana em treze horas?” (Júlia). Em outras palavras, o grande número de turmas diferentes dificulta o planejamento docente e leva o(a) profissional a operacionalizar suas práticas quase exclusivamente pelo livro didático (BODART, SILVA, 2016, p.183). Parece que a utilização exclusiva e, muitas vezes acrítica do livro didático nestas disciplinas, significou também uma resposta ou alternativa a esta exorbitante jornada de trabalho docente.

Moraes (2009) sugere uma reflexão sobre os livros didáticos de Sociologia que permite compreender a reclamação generalizada do(a)s colaboradore(a)s sobre a inadequação destes materiais. Para este autor, os livros de Sociologia ainda não “passaram por um processo de crítica especializada, tal como vem acontecendo há mais de uma década com os livros do ensino fundamental” (Ibid., p.20). Além disso, as pesquisas acadêmicas apontam o caráter enciclopédico dos livros didáticos produzidos para atender variados interesses, séries, temas e concepções (Op. Cit.). Em outros termos, buscando atender todas as escolas brasileiras, quando chegam nos contextos escolares localizados, os livros expressam sua inadequação.

⁸ A Sociologia foi contemplada no PNLD – Programa Nacional do Livro Didático – de 2012 com dois livros apenas. Em 2015, esse número sobe para seis editoras. Neste contexto, surgem trabalhos para analisar esses materiais, os critérios de escolha e as formas de utilização em sala de aula (OLIVEIRA, 2015).

Numa análise geral sobre o livro didático de Sociologia produzido no país, Simone Meucci (2013) destaca a fraqueza dos conteúdos e o nominalismo como elementos críticos a serem levados em consideração. Os livros de Sociologia objetivam nomear os fenômenos com auxílio dos conceitos sociológicos e pouco aproveitam os conhecimentos da Ciência Política e da Antropologia. Entretanto, o(a)s colaboradore(a)s pontuaram um avanço neste sentido. De acordo com os relatos, os atuais livros didáticos já trazem discussões e categorias de análise relacionadas a esses dois campos de saber das Ciências Sociais que a autora destacou como elemento deficitário em 2013.

A querela docente com os livros didáticos tem relação intrínseca com a excessiva carga horária e a proletarização das práxis do magistério brasileiro engendrada pelas políticas educacionais neoliberais. A docência brasileira básica é composta por profissionais que não conseguem assumir a postura de pesquisadore(a)s e/ou trabalhadore(a)s intelectuais no exercício de sua profissão, por isso assumem a postura de:

Trabalhadores manuais, de carregadores de manuais, e se submetem aos ditames do livro didático, e sem conhecerem aqueles resultados de pesquisas sobre os livros didáticos, acabam usando acriticamente tais livros, [...] consagrados as vozes e escolhas dos autores de livros didáticos (MORAES, 2009, p.21).

Entrelaçado a utilização acrítica ou não do livro didático e a possibilidade de planejar aulas diferenciadas para as variadas turmas, o desafio da metodologia de ensino e da escolha de conteúdos ou assuntos/temas, para as interações pedagógicas, foi o último desafio apontado pelo(a)s docentes de Sociologia no ensino médio sobralense.

3 - A questão dos métodos, conteúdos e práticas de ensino

A ausência de experiências acumuladas no ensino de Sociologia dificulta o desenvolvimento de métodos e técnicas para solucionar a problemática da mediação didática (MEUCCI, 2013, p.90) ou para enfrentar o desafio epistemológico nos termos de Oliveira (2011).

Para fomentar o interesse e uma boa receptividade do(a)s estudantes pela disciplina, todo(a)s o(a)s colaboradore(a)s identificaram a variação didático-metodológica do ensino de Sociologia como uma preocupação docente cotidiana. Para além da afirmação consensual de que “o livro didático é [seja o] principal instrumento pedagógico” (Danilo), uma variedade de técnicas de ensino e recursos didáticos foi enfatizada para melhorar o ensino deste componente

curricular: “mesclo entre aulas expositivas, uso de filmes e situações do cotidiano para exemplificar o que está sendo estudado. Aula expositiva e debate em sala de aula. Uso de seminários e aulas de campo” (Neto).

Leitura e discussão dos temas abordados; trabalho dirigido (TD); fichamentos; vídeos com assuntos da sociologia; seminários; trabalhos de pesquisa; apostilas do Enem; artigos de revistas; aulas envolvendo a arte, como a música, corte e colagem, a pintura, elaboração de cartazes, maquetes, etc (Fabiana).

Transitava entre o método tradicional e o construtivista. Algumas vezes fazendo com que o aluno se tornasse sujeito ativo na construção do seu conhecimento através da pesquisa, da discussão e reflexão, dentre outras ações que caracterizam o método construtivista. Algumas vezes fazendo uso de aulas expositivas, conteúdo programático, rigor na disciplina e cobrança de conteúdos e provas (Elane).

A variedade técnica-metodológica foi justificada pelos objetivos perseguidos pelo ensino de Sociologia engendrado pelo(a)s entrevistado(a)s. Tais objetivos poderiam ser resumidos da seguinte maneira: o fomento à compreensão do cotidiano do(a)s aluno(a)s; a conscientização e a transformação social. Entretanto, para atingi-los, o “pensar sociologicamente” (TOMAZI, 2008; SILVA, 2010) parece constituir na *condição sine qua non* específica da Sociologia na educação básica.

A particularidade crucial do ensino de Sociologia básica se refere aos enfoques epistemológicos ou aos modelos analíticos relacionados à construção do conhecimento científico sobre os fenômenos sociais. Sem esta particularidade engendradora nas práticas de ensino médio, a formação específica na área torna-se insignificante e os objetivos destacados pelo(a)s docentes entrevistado(a)s podem se reduzir aos resultados das interpretações do(a)s cientistas sociais, bem como na discussão de suas obras e biografias (MORAES, 2009).

Neste ínterim, todas as preocupações da docência em Sociologia podem ser suprimidas à variedade metodológica do ensino e na escolha dos conteúdos – temas e assuntos – deslocada das questões que os cientistas sociais colocaram, bem como as suas “estratégias de construção do conhecimento” (MORAES, 2009, p.24). Em suma, o ensino de Sociologia deve levar em conta que:

Existem lógicas e modos de raciocinar sobre os fenômenos que são intrínsecos ao pensamento sociológico construído a partir de categorias que poderão perpassar o estudo dos conteúdos específicos ou das temáticas selecionadas pelos professores e alunos (SILVA, 2009, p.72).

A variedade de técnicas de ensino deve ser precedida e atravessada pela variedade dos modelos de raciocínio sociológico. Os temas, conceitos e teorias como pressupostos

metodológicos relacionados aos princípios epistemológicos do ensino de Sociologia – o estranhamento e a desnaturalização (MORAES; GUIMARÃES, 2010) – devem ser interseccionados pela variedade das lógicas de pensamento sociológico. Munidos do “pensar sociologicamente” – análise das teias de interdependência humana (BAUMAN, 2010, p.24) – qualquer tema, assunto ou fenômeno social pode ser objeto de estudo, pesquisa e conteúdo curricular no ensino médio e durante a formação docente.

Os desafios elencados anteriormente nesta discussão barram a efetivação destes objetivos do ensino de Sociologia defendidos pelos autores Silva e Moraes (2009). O(a)s colaboradore(a)s ratificaram a existência de práticas pedagógicas consideradas possíveis quando ele(a)s se deparam com a dificuldade de efetivar o “pensar sociologicamente” a partir dos assuntos ou das temáticas ligadas aos problemas sociais da atualidade. Dentre as práticas pedagógicas consideradas possíveis – guiadas por construções ideais em relação ao fazer docente internalizado principalmente durante a formação docente, de acordo com os relatos – foram destacadas: “debater nosso cenário político atual, para que os alunos possam ter uma consciência política mais consistente” (Aline); “buscando[r] uma reflexão/ conscientização do aluno diante da sua realidade” (Luís);

Dar minha contribuição mesmo com todos os desafios existentes. Procurando mostrar como se dá as lutas históricas e suas conquistas. Apresentando os diversos aspectos da vida social e suas influências na vida de todos nós [...]. Destacar os principais temas que a disciplina elenca. Apresentar os teóricos principais e suas contribuições para a disciplina de forma superficial (Danilo).

Alguns/algumas professore(a)s descreveram práticas pedagógicas bem-sucedidas e que, devido a sua raridade, retornam frequentemente ao campo das práticas que constituem o ideal de ensino de Sociologia para ser efetivado na educação básica quando for possível:

Quando trabalhamos com a música, os alunos se interessam mais pela disciplina. E toda prática que leva ao chamado protagonismo juvenil, onde se estimula o “fazer”, na maioria das vezes, obtém-se resultados positivos, como seminários com o uso de slides, peças de teatro envolvendo temas sociológicos, entre outras práticas. Há turmas mais dinâmicas que se motivam naturalmente, mas também existem aquelas que precisamos motivar (Fabiana).

Uma delas foi quando realizamos uma intervenção interdisciplinar juntamente com outras áreas: História, Geografia, Física, Química e Biologia. Fizemos uma aula de campo dentro dos bairros dos alunos da referida escola e depois utilizamos todos os problemas identificados por eles dentro de sala, isso nos possibilitou aliar teoria e a prática, foi sem dúvida um momento que jamais irei esquecer. Já trabalhei também com desenhos feitos pelos próprios alunos, que retrataram a sua realidade (Bianca).

Resumidamente, nos relatos analisados, o ensino ideal de Sociologia está vinculado ao interesse, participação ativa e valorização escolar do(a)s estudantes em relação à disciplina para que os objetivos ideais de formação sejam atingidos, tais como: “[...] desenvolvendo [r] senso crítico e poder de análise da sociedade através do estudo da sociologia” (Elane); “[...] formar pessoas capazes de compreender o mundo com suas igualdades, desigualdades e contradições. Também de se reconhecerem como sujeitos dessa sociedade” (Lidiane). As práticas pedagógicas possíveis em dialética com as práticas idealizadas frequentemente entram em conflito ou são capturadas pelas políticas educacionais e/ou escolares. A título de exemplo, o ensino e os materiais pedagógicos de Sociologia estão sendo direcionados, quase exclusivamente, para o Enem (Elane), principalmente com o objetivo de que os estudantes atinjam um bom desempenho na prova de redação. Desta maneira, o “pensar sociológico” como ideal de formação torna-se secundarizado e pode ser suprimido em detrimento da busca pelos bons resultados no Enem:

As práticas pedagógicas são voltadas não só para que o aluno passe no vestibular, mas ver a Sociologia como um conhecimento que sirva de instrumento para a transformação social. Seguimos também, o modelo que o Estado do Ceará adota, que é a escola aprendente⁹, onde cada disciplina tem um conteúdo preestabelecido (alinhado ao Enem), habilidades e competências para se trabalhar o aprendizado do aluno. Trabalhamos com os conceitos sociológicos, teorias e temas abordados a partir da realidade do aluno e da sociedade de uma maneira geral (Fabiana).

O relato de Fabiana exemplifica a prática pedagógica de alguns docentes cearenses que resistem ao insulamento das aulas sociológicas à prova de redação do Enem. Além de objetivarem a mediação didática entre os conceitos sociológicos e os fenômenos sociais abordados em sala de aula, determinado(a)s colaboradore(a)s tomam como ponto de partida, para suas discussões pedagógicas, os fatos sociais da atualidade e os cotidianos do alunado.

Pautados na realização de práticas idealizadas do ensino de Sociologia, o(a)s entrevistado(a)s sugeriram mudanças estruturais, políticas e sociais tanto no sistema educacional brasileiro quanto nas escolas de maneira particular: “o ideal seria maior carga horária. Também os alunos do ensino fundamental já viessem com noções pelos menos das Ciências Humanas como um todo. Assim, seria possível o aluno ter compreensão mais ampla e aprofundada da sociedade que o cerca” (Lidiane). A professora Fabiana se posicionou contra

⁹ Coleção de orientações didático-metodológicas elaborada em 2008 pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Essa coleção objetiva regular e unificar os currículos escolares.

a ideia de que um modelo ideal de ensino deva anteceder e balizar o ensino de Sociologia, pois na sua interpretação, para que os objetivos formativos sejam contemplados:

Na verdade, não existe um modelo ideal, o que deve existir são melhores condições para que o professor possa exercer um trabalho mais dinâmico, e um ambiente apropriado para o ensino da Sociologia, como um laboratório de pesquisas sociológicas na escola, por exemplo e salas de aula com data show. Sem verbas suficientes na escola pública isso se torna um ‘sonho’¹⁰ a conquistar (Fabiana).

Além do maior número de aulas, “material didático mais próximo da realidade e da linguagem dos alunos” (Neto) e de um trabalho conjunto de conscientização sobre a “importância da sociologia na compreensão da realidade que nos cerca” (Fabiana), foi a mudança estrutural do sistema de ensino, o principal imperativo identificado pelo(a)s entrevistado(a)s para a valorização social da disciplina:

[...]A principal ação seria a interligação bairro versus escola. O programa curricular deveria dar essa abertura e infraestrutura para ressignificar o fazer pedagógico da disciplina [...]. É o sistema de ensino que precisa ser ressignificado, tornando-se atraente e prazeroso (Carla).

Considerações Finais

A desobrigatoriedade da Sociologia e da Filosofia do currículo em curso pela reforma do ensino médio do atual governo não pode ser pensada como uma ação isolada das políticas educacionais recentes. Há outros mecanismos políticos que parecem estar inter-relacionados com esta reforma para edificar um projeto educacional neoliberal e despolitizador, por exemplo, a “Escola Sem Partido”. Estes mecanismos se articulam para combater os emergentes processos de educação crítica, reflexiva e democrática que vem surgindo no país nos últimos anos. Para atingir seus objetivos, eles retomam, de certa maneira, as estruturas educacionais de instrução bancária e acrítica, nos termos de Freire (1987), que inviabilizam a problematização das desigualdades sociais.

Na ditadura militar, estas disciplinas foram retiradas do currículo para doutrinar, sobre a justificativa capitalista de que o sistema de ensino – com a presença destes componentes – não atendia às exigências do mercado. Agora, estas disciplinas poderão ser excluídas – como também o pensamento reflexivo e crítico no âmbito escolar – do processo educacional sob a mesma alegação capitalista de que o currículo atual é descontextualizado, “inchado” e não

¹⁰ Destaque realizado pela colaboradora.

efetiva uma educação “mais útil”. Dito de outra maneira, busca-se evitar uma pretensa consolidação da ambiência democrática que estava sendo construída e se intensificou com as políticas sociais dos últimos anos.

A situação escolar da disciplina Sociologia precisa ser compreendida de maneira interseccional. A sua potência formativa corrobora para sua fragilidade nas configurações curriculares neoliberais. E a sua importância democrática – enquanto componente curricular questionador dos fenômenos sociais via estranhamento e desnaturalização – constitui a principal razão de desconfiança e de repulsa advinda dos neoliberais.

O ensino de Sociologia em Sobral/CE possui desafios macro e microeducacionais que inter-relacionados permitem compreendê-lo. A fragilidade curricular, a mínima carga horária, a existência de profissionais não graduados na área e a desvalorização social da disciplina constituem os desafios macrosociais. Estes, na realidade sobralense, são entrelaçados pela excessiva carga horária de trabalho docente, pela falta de tempo para planejar as aulas, pelas precárias condições físicas e pedagógicas de determinadas escolas, pelo “inadequado livro didático” e pela ausência de formações continuadas significativas. Neste sentido, a manutenção da disciplina no currículo básico – assim como a sua inclusão no ensino fundamental –, o aumento da carga horária e a presença de docentes graduado(a)s na área foram os principais mecanismos apontados pelo(a)s entrevistado(a)s tanto para produzir o reconhecimento social, curricular e escolar quanto o interesse e/ou a receptividade positiva discente em relação à Sociologia na escola.

Se por um lado, a disponibilidade de livros didáticos enciclopédicos – e generalistas – e a utilização da Sociologia como disciplina auxiliar na busca por melhores resultados, principalmente nas redações do Enem, significou um reconhecimento instrumental da disciplina. Por outro lado, a baixa carga horária, a presença de professore(a)s não graduado(a)s na área e a fragilidade curricular constituem os principais símbolos da desvalorização política e social da Sociologia enquanto instrumento formativo da reflexividade crítica do(a)s estudantes. Por desenvolver a “imaginação sociológica”, parece que a Sociologia terá o seu lugar contestado no currículo neoliberal da Educação Básica.

Em síntese, um dos principais desafios do ensino de sociologia em Sobral constatado pela pesquisa foi a superação do ensino decoreba – “sobre a vida, obras e conclusões do autor” (MORAES, 2009, p. 25) – e a possibilidade de avançar para o “pensar sociologicamente” atentando para enfoques variados do pensamento sociológico sobre os infinitos conteúdos

sociais e/ou educacionais. Assim, a variedade metodológica e de assuntos e temas cede lugar para a preocupação com a aprendizagem básica sobre as variantes lógicas do pensamento sociológico.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BODART, Cristiano das Neves; SILVA, Roniel Sampaio. O perfil do professor brasileiro de sociologia do ensino médio e sua percepção da condição docente. In: *Inter-legere – Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN-Natal RN*, nº 18, jan./jun, p. 168-189, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/10820/7637>. Acesso: 14 mar 2017.

BODART, Cristiano das Neves. O ensino de sociologia e a formação do professor: uma entrevista com Evelina Antunes Fernandes de Oliveira. In: *Revista Café com Sociologia*, v.5, n. 3. p. 236-242, Agos./Dez. 2016. Disponível em:

<http://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/741/0>. Acesso: 15 abr. 2017.

_____. Entrevista com Simone Meucci. In: *Revista Café com Sociologia*, vol.2, nº1. Abril de 2013. Disponível em:

<http://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/52>. Acesso: 15 abr. 2017.

CIGALES, Marcelo Pinheiro. O Ensino da Sociologia no Brasil: Perspectiva de análise a partir da História das Disciplinas Escolares. In: *Revista café com sociologia*, vol.3, nº1. Jan. de 2014. Disponível em:

<http://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/100>. Acesso: 14 mar. 2017.

CIGALES, Marcelo Pinheiro; ARRIADA, Eduardo. Algumas considerações sobre o ensino da sociologia na educação brasileira 1882-1942. In: *Revista Perspectivas Sociais*, Pelotas, ano 2, n. 1, p. 86-100, março/2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/view/2139>. Acesso: 14 mar. 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luís Fernando (orgs.). *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, p. 49-59, 2009.

HANDFAS, Anita. Formação de professores de sociologia: reflexões sobre diferentes modelos formativos. In: HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luís Fernando (orgs.). *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, p. 187-196, 2009.

LENNERT, Ana Lúcia. Condições de trabalho do professor de sociologia. In: Cad. *Cedes*, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 383-403, set.-dez. 2011. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso: 16 abr. 2017.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: MORAES, Amaury Cesar de (Org.). *Coleção Explorando o Ensino de Sociologia*. Brasília: MEC, 2010, p. 45-62.

MORAES, Amaury Cesar. Desafios para a implantação do ensino de sociologia na escola média brasileira. In: HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luís Fernando (orgs.). *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, p. 19- 29, 2009.

_____. O que temos de aprender para ensinar ciências sociais? *Revista Cronos*, Natal, v. 8, n. 2, p. 395-402, jul./dez. 2007.

OLIVEIRA, Amurabi. Um balanço sobre o campo do ensino de sociologia no Brasil. In: *Em tese*, v. 12, n. 2, ago./dez., p. 6-16, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n2p6> . Acesso: 18 abr. 2017.

_____. Sentidos e dilemas do ensino de sociologia: um olhar sociológico. In: *Revistainter-legere*, n.9, jul./dez., p. 25-39, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4402>. Acesso: 16 abr. 2017.

RIBEIRO, Adélia; ALVES, Dalton; SAUL, Renata; PEREIRA, Virgílio. Sociologia e filosofia nas escolas de ensino médio: ausências, permanências e perspectivas. In: In: HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luís Fernando (orgs.). *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, p. 50-62, 2009.

SILVA, Ileizi Fiorelli. Fundamentos e metodologias do ensino de sociologia na educação básica. In: HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luís Fernando (orgs.). *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, p. 63-91, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Jordânia de Araújo; MARINHO, Noélia Nunes; GAUDENCIO, Júlio Cezar. Ensino e Docência: desafios para a formação e atuação de professores de Sociologia/Ciências Sociais. In: *Política & Sociedade*, Florianópolis, vol. 14, nº 31, set./dez., 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/43976>. Acesso: 15 mar. 2017.

TOMAZI, Nelson. Entrevista com Nelson Dácio Tomazi. In: *inter-legere*. N. 03, jul/dez 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4745/3949> . Acesso: 25 out. 2016.

Recebido em: 22 de maio de 2017

Aceito em: 10 de julho de 2017

226